
Research Article

Memórias literárias de Camões em Macau

Sara Augusto

Macau City University

Received January, 2025; accepted May, 2025;
published online October, 2025

Abstract: In the context of such an important event as the celebration of the 500th anniversary of the birth of Luís de Camões, this paper aims to analyse the presence of Camões and Camões' work in literature written in Portuguese in Macau. It is not our aim to delve into the theme of Camões' presence in Macau. The presence of the poet and his places have gained the status of literary presence and literary places, freed from the contingencies of time and facts. It is possible to find in the available literary corpus a comprehensive set of references to Camões and his work, produced by occasional visitors or residents in Macau for a longer or shorter period. These references date mainly back to the 19th century and the dawn of the literary period of Romanticism, giving rise to a nostalgic pilgrimage to the Grotto of Camões and the production of descriptions and literary texts. During the 20th century, references to Camões continued and intertextuality took on various forms, situated somewhere between imitation and formal and thematic invention. The identification with the poet's biography, the praise of the author's work, the impossibility of ignoring Camões' presence in Macau and the celebration of memory are aspects that make Camões the intertext that runs through literature written in Portuguese in the East.

Keywords: Macau, literature in Portuguese, literature of Macau, Luís de Camões, Camoes garden and Grotto, intertextuality

Resumo: No âmbito de tão importante efeméride como é a celebração dos 500 anos do nascimento de Luís de Camões, este trabalho pretende analisar a presença de Camões e da obra camoniana na literatura escrita em português em Macau. Não é nosso objetivo aprofundar o tema da presença de Camões em Macau. A presença do poeta e os seus lugares ganharam o estatuto de presença literária e de lugares literários, libertos das contingências do tempo e dos factos. É possível encontrar no *corpus* literário disponível um conjunto abrangente de referências a Camões e à sua obra, produzidas por visitantes pontuais ou residentes em Macau, durante mais ou menos tempo. Estas referências remontam sobretudo ao século XIX e ao despontar do período literário do Romantismo, dando origem a uma romagem saudosa à Gruta de Camões e à produção de descrições e de textos literários. Durante o século XX, as referências a Camões continuaram e a intertextualidade assumiu formas diversas, situadas entre a imitação e a invenção formal e temática. A identificação com a biografia do poeta, o elogio da obra do autor, a impossibilidade de ignorar a presença de Camões em Macau e a celebração da memória, são aspectos que se tornam Camões o intertexto que atravessa a literatura de Macau escrita em língua portuguesa.

Palavras-chave: Macau, literatura em língua portuguesa, literatura de Macau, Luís de Camões, Jardim e Gruta de Camões, intertextualidade

*Corresponding author: Sara Augusto, E-mail: saramrma@gmail.com

Copyright: © 2025 Author. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), allowing third parties to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially, provided the original work is properly cited and states its license.

1 O lugar literário

No seu *Delta Literário de Macau*, José Carlos Seabra Pereira aborda o delicado tema da presença de Camões em Macau deslocando as suas observações para o tema da presença do poeta quinhentista na literatura produzida em língua portuguesa. Assim, afirma que “Camões e Mendes Pinto são referências míticas para a cultura literária de Macau, porque são motivo e fonte de *mythos* como narrativa poderosa, que se torna inerradicável e incontornável, que ganha uma forma de existência e de influência a salvo de inquirições de veracidade histórica, que vive na literatura posterior pela escrita que a busca como intertexto e nela se abebera” (Pereira, 2015, p. 20).

Desta forma, considerada de forma independente dos factos, a presença de Camões em Macau tornou-se um “lugar literário” e ganhou contornos míticos, enquanto narrativa simbólica e imagética. Não se trata só do espaço físico, de que a “gruta de Camões” é o exemplo por excelência, mas da consideração do poeta como objeto de peregrinação literária, uma vez que ambos contribuem para o lugar como experiência, memória, desejo e identidade cultural. Segundo Sílvia Quinteiro e Rita Baleiro, pode-se definir o lugar literário como “sendo o ponto no mapa físico cujo significado emerge do conhecimento que o indivíduo tem do texto literário e da biografia dos autores. (...) De facto, sendo o espaço puro uma mera abstração, é neste caso a familiaridade com o universo literário que viabiliza a concretização desse espaço, delimitando fronteiras, atribuindo-lhe significado” (Quinteiro & Baleiro, 2017, p. 52). Neste sentido, os elementos que compõem o mapa físico, como o jardim, a gruta e o busto do poeta e os versos inscritos nas lápides, são simultaneamente memória e símbolo.

Estas memórias e estes símbolos permanecem nos textos literários, sobretudo nos textos poéticos relacionados com a “gruta de Camões”. Contudo, também é possível identificar um número significativo de referências em textos de viajantes, com descrições e impressões do lugar.

2 A fonte: o *Camões* de Almeida Garrett

A primeira fonte deste mito podia ser a poesia de Bocage, mas, nos poemas que compôs nos curtos meses em que esteve em Macau, entre outubro de 1789 e março de 1790, nem Camões, nem a gruta são referidos. Mesmo que se considere que o conhecido soneto “Camões, grande Camões, quão semelhante / Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!” possa ter sido escrito em Macau (e talvez na gruta), há um facto que deve ser considerado, como afirma António Manuel Couto Viana, também poeta: “é curioso que Bocage, no mesmo soneto, vê-se, como Camões, ‘junto ao Ganges sussurrante’, mas ignorou a presença do épico na plácida foz do Rio das Pérolas” (1998, p. 125). A esta identificação com a mágoa camoniana associou-se Filinto Elísio quando, na ode “Servindo ao Rei e à Pátria sessenta anos”, também estabelece uma relação muito próxima entre o seu destino infeliz e o de Camões. Na última estrofe da ode escreveu: “Amei a Pátria, amei os Portugueses: / Inda os amo. Inda, quando ingratos sejam / Comigo; como o foram (feio opróbrio) / Com o Camões Divino” (1817, vol. III, p. 97).

Esta marcada ausência da relação de Camões com Macau em Bocage e esta filiação de Bocage e Filinto na esfera exilada e infeliz do poeta, obrigam a prosseguir até Almeida Garrett e ao poema *Camões*, obra publicada em Paris, em 1825. No poema, que marcou o início do Romantismo em Portugal, Garrett constrói uma imagem do poeta maneirista de forma romântica, valorizando o poeta exilado, longe das teias do poder instituído, infeliz no amor, morrendo na miséria. Parece corresponder, assim, não só à imagem do poeta romântico, de

perfil excepcional e incompreendido, mas também aos pormenores do trajeto da vida de Almeida Garrett, visto que, também ele, como os poetas anteriores, estabelece uma identificação com Camões. Por outro lado, o poema desenvolve uma constante e contínua intertextualidade com *Os Lusíadas*, o que faz com que funcione como uma “escrita em palimpsesto”, como refere Helena Buescu na introdução que fez à publicação de *Camões* pela INCM (Garrett, 2018, p. 16).

No Canto IV, a personagem Camões relembrava as suas peregrinações pelo Oriente. Em Macau encontrou “um repouso plácido” (Garrett, 2018, estrofe XIII, p. 125). A descrição da gruta corresponde a essa placidez: uma “solitária gruta”, cavada na rocha, “à entrada lhe vicejam / recedentes arbustos, heras crespas; / e no vivo rochedo lhe entalharam / misteriosas mãos ignotas letras” (estrofe XIV, p. 125). Ali, onde o mar se perdia no horizonte, naquela “soledade amarga e doce”, o poeta passou “horas ditosas” (estrofe XIV, p. 125). A gruta volta a ser referida no Canto V, invocada pela personagem Camões em Sintra, na sua “Canção de morte” (estrofes I a VII), estando o poeta ainda profundamente magoado pelo cortejo fúnebre da sua amada Natércia. Nos seus protestos de amor e de saudade, exilado por “estranghas praias, ignoradas gentes” (estrofe III, p. 133), inclui os suspiros, as queixas namoradas, os queixumes ouvidos pela “gruta benigna”, assim reforçando as impressões de solidão, tristeza, saudade e mágoa, a par com alguma doçura e algum alívio.

Oh gruta de Macau, soildão querida,
Onde tão doces horas de tristeza,
De saudade passei! gruta benigna
Que escutaste meus lánguidos suspiros
Que ouvistes minhas queixas namoradas,
Oh fresquidão amena, oh grato asilo
Onde me ia acoitar de acerbias mágoas,
Onde amor, onde a pátria me inspiraram
Os maviosos sons e os sons terríveis
Que hão de afrontar os tempos e a injustiça! (...) (Garrett, 2018, p. 135)

A eleição da gruta de Macau como cenário principal nas memórias de Camões contadas ao seu interlocutor pode ser eco das estampas que ilustraram a edição monumental de *Os Lusíadas* levada a cabo pelo Morgado de Mateus, D. José Maria de Sousa-Botelho, datada de 1817. A gravura que retrata a gruta e o poeta, da autoria de M. Gerard, antece a biografia de Camões e representa-o de pé, segurando um manuscrito na mão esquerda e a pena na mão direita. No chão, aos seus pés, repousa uma espada entre outras folhas manuscritas. Ao lado, levantam-se os penedos da “Gruta de Camões em Macau”, conforme se assinala no verso da gravura, destacando-se no fundo um céu turbulento e uma palmeira (Camões, 1817, p. XLIX). Isabel Rio Novo, em recente biografia de Camões (2024), afirma como a ideia da escrita da epopeia nos penedos da gruta só terá nascido pela mão do Morgado de Mateus, que refere o seguinte: “He tradição constante que passava muitas horas a trabalhar nesta composição, que em huma gruta, que se mostra ainda agora em Macáo, e he nomeada Gruta de Camões” (Camões, 1817, p. LX.).)

Almeida Garrett não esteve em Macau, mas claramente associou o contexto do seu poema ao cenário da gruta que, tal como a noite e as “selvas”, fazia parte do imaginário romântico, e cruzou as mágoas de Camões com as suas queixas de exilado em Paris. Esta abordagem romântica de Camões e da gruta e a identificação estabelecida com o poeta de *Os Lusíadas* tornaram-se um modelo que repercutiu até muito tarde na literatura portuguesa, desenvolvendo uma representação mítica que vai para além do facto histórico da presença do poeta quinhentista em Macau, sobretudo no século XIX, como comprovam obras de António Feliciano de Castilho

(com o drama *Camões*, de 1850), Soares de Passos (no poema “A Camões”, que inicia a obra *Poesias*, publicada em 1856) ou Cipriano Jardim (em *Camões: drama histórico em 5 actos*, de 1880).

A celebração dos trezentos anos da morte de Camões em 1880, tanto em Portugal como no Brasil, acentuou o "mito camoniano", como afirma Vicente de Castro Pereira (Pereira, 2015, p. 228), consagrando a imagem romântica do artista como génio, o maior poeta das letras portuguesas, capaz de nortear a humanidade pela sua visão do mundo de fino recorte e de cariz profético.

3 A gruta de Camões em Macau

É natural que todo o destaque dado a Camões na gruta de Macau, esse território longínquo da metrópole, mas ainda bem português, tivesse efeitos na visitação do espaço. Camões não era um escritor desconhecido para a elite intelectual europeia e a visita à gruta acentuou-se como forma de reverência, sobretudo durante o período de 1815-1885. Este período coincidiu com a posse por herança do espaço envolvente da gruta por parte de Lourenço Caetano Marques (Teixeira, 1999, pp. 52-54), figura ilustre da sociedade de Macau no século XIX. Se as transformações que levou a cabo no espaço não foram unanimemente aprovadas, ainda assim foi com elas que a Gruta de Camões se tornou num local de culto ao poeta e por extensão, à pátria. Deste modo, “foram vários os visitantes, durante o período de permanência daquele na Casa Garden, que acorreram ao local, tanto escritores e poetas, como embaixadores e políticos, tanto ocidentais, como orientais” (Melo, 2014, p. 47).

Na sequência dessas visitas, Lourenço Marques coligiu as dedicatórias dos seus convidados, em prosa e poesia, em português e noutras línguas, num *Álbum da Gruta*. Deste álbum teriam saído algumas páginas com composições poéticas para integrarem um documento que correu profusamente por Hong Kong e Macau, aquando da celebração do tricentenário de 1880, e que seria publicado com o título *Memoria dos festejos celebrados em Hong-Kong, por occasião do tricentenário do principe dos poetas portuguezes, Luiz de Camões*, datado deste mesmo ano. Do *Álbum da Gruta* seria enviada uma cópia à Sociedade de Geografia de Lisboa pelo Governo de Macau para a reunião preparatória do Congresso Internacional dos Orientalistas em Lisboa em 1892, depois impressa em Lisboa, pela Imprensa Nacional em 1893.

Na sua obra *A Gruta de Camões em Macau*, também o Padre Manuel Teixeira copia “Trechos em prosa e verso de um álbum pertencente ao antigo proprietário da Gruta de Camões (Macau)”, além de uma “Antologia sobre a Gruta” (Teixeira, 1999, p.75) em que apresenta excertos de literatura de viagem, grande parte delas de viajantes e de visitantes estrangeiros, com descrições da cidade que referem este particular espaço. É possível que em alguma destas descrições anterior a 1825, Garrett se tivesse baseado para o cenário do seu *Camões*. Com mais ou menos detalhes, mais ou menos impressionistas, mais ou menos poéticos, sucedem-se diversos textos descritivos de figuras como Lord Macartney (que é o texto mais antigo da antologia, datado de 1794), José Inácio de Andrade, José Guimarães e Freitas, Frederico Leão Cabreira, Visconde de Juromenha, Latino Coelho, Henrique Carlos Ribeiro Lisboa, o Conde de Arnoso, Bento de França, José Gomes da Silva, D. José da Costa Nunes, ou ainda, já mais tardios, Luís Gonzaga Gomes e Isócrates de Oliveira. Contudo, os textos mais conhecidos são de Wenceslau de Moraes e de Camilo Pessanha.

Ambos os escritores apontam o caráter simbólico da Gruta de Camões. Não se trata de textos poéticos, mas o seu valor descritivo e analítico é mais um passo na fundamentação da dimensão mítica do espaço. Assim, em 1890, Wenceslau de Moraes, nas suas “Lembranças da China”, publicadas em *Traços do Extremo Oriente* (1896), inclui um pequeno texto intitulado “Gruta

de Camões”, datado de março desse ano, onde faz uma demorada descrição da paisagem envolvente. Termina o texto com o seguinte parágrafo que muito lembra o *Camões* de Almeida Garrett, configurando a imagem de um homem sofredor e melancólico na “efervescente agonia” e nas “fugazes esperanças”.

Estas pedras devem ter sido molhadas pelas suas lágrimas de fel; devem ter assistido, mudas e frias, aos seus longos desesperos de homem ardente, ferido no seu grande coração por tantas ingratidões e por tantos revezes!... No sussurrar deste arvoredo majestoso, na humildade lacrimosa que resuda destas rochas, dos descendentes amorosos destas aves, no volutear destes insectos, há alguma coisa, efectivamente, que lembra a efervescente agonia, intervalada de fugazes esperanças, do pobre procurador dos defuntos e ausentes, ou coisa que o valha, que se chamou Camões... (Moraes, 2004, p. 35)

Quanto a Camilo Pessanha, no final do artigo “Macau e a Gruta de Camões”, publicado no periódico de Macau *A Pátria*, a 7 de junho de 1924, reforça o valor simbólico do lugar eleito pelo poeta, dando uma perspetiva da “verdade intuitiva”, ideia que corresponde ao conceito de “lugar” mítico e literário já referido (Braga, 2014). Pessanha vê na gruta um lugar de “culto da Pátria” e em Camões “o maior génio da raça lusitana”. Esta dimensão coletiva torna-se sensível no ato individual de sofrer, amar e meditar, participando assim o texto da imagem solitária de Camões.

É a Gruta de Camões, com o seu cenário irremediavelmente mesquinho – mas suscetível, apesar disso, de correção em muitos dos seus defeitos –, esse lugar sobre todos prestigioso, dedicado ao culto de Camões, que é também o culto da Pátria. Culto e prestígio que não podem extinguir-se enquanto houver portugueses; e enquanto não se extinguem, há de ser verdade intuitiva, superior a todas as investigações históricas, que o maior génio da raça lusitana sofreu, amou, meditou, em Macau, aqui tendo composto, em grande parte o seu poema imortal, e que o local predileto aos devaneios do seu espírito solitário era essa colina, então erma, sobre o porto interior, junto das penhas com aparência de “dólmen” em cujo vão foi colocado há anos o seu busto, de proporções reduzidas, fundido em bronze. (Pessanha, 1992, p. 305)

No que diz respeito à poesia recolhida no álbum de Lourenço Marques e na memória de Hong Kong, as palavras de Bento França, na obra *Macau e os seus habitantes* (1897), são significativas. Seriam poesias “cheias de reverente admiração, que desperta tudo quanto se associa à memoria do grande Camões, e repassadas d’uma suave melancolia que a solidão e o agreste do sitio insinuam nas almas sensíveis” (França, 1897, p. 51). Para além dos estrangeiros, sucedem-se os poemas celebrativos de Camões de diferentes poetas, visitantes da gruta, como Manuel de Castro Sampaio, Francisco Bordalo, Carlos José Caldeira, Pedro Feliciano de Oliveira Figueiredo, J. R. Azevedo, Elísio Mendes e Joaquim de Araújo.

A oitava de Francisco Bordalo (nomeado secretário do governo de Macau em 1849, onde terá vivido até 1852) está datada de 1851 e é um dos exemplos mais bem acabados desta poesia celebrativa, onde se testemunha a semelhança no destrerro e na saudade entre Camões e o sujeito poético.

Viajante, poeta, amante, eu paro
Ante o busto do Vate harmonioso,
Nesta gruta defesa a vulgo ignaro,
Onde o meu coração pulsa saudoso,
Recordando as canções do génio raro
Seus amores, seu fado lastimoso,
Sente-se menos triste o desterrado,
Não é junto a Camões, tão desgraçado. (Teixeira, 1999, p. 173)

4 Peregrinações

No correr do século XX, muitos escritores, intelectuais e curiosos, conhecidos e desconhecidos do público, viajaram para o território: alguns apenas visitaram a cidade, outros viveram nela algum tempo e outros nela nasceram e morreram. Alguns escreveram prosa e poesia, e Camões, o Jardim e a Gruta foram muitas vezes tema literário da sua escrita, insistindo sobretudo na mágoa do desterro e na identificação com o poeta.

No artigo “Do olhar português sobre Macau”, Catarina Nunes de Almeida refere os casos particulares de alguns escritores que escreveram sobre a gruta de Camões, mostrando como eles representam “uma espécie de impulso ético, comprometido com a prevalência da memória histórica e com uma revisão contínua da identidade portuguesa” (2019, p. 576). Mas há mais: Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner Andresen, Pedro da Silveira, Alexandre Pinheiro Torres, Eugénio de Andrade, José Augusto Seabra, José Valle de Figueiredo, Alice Vieira, José Jorge Letria, todos estes escritores estiveram pontualmente em Macau. A poesia e a prosa que escreveram, ou que para esta ocasião escolheram, apresentam visões de Camões em Macau que têm a memória como ponto de partida comum. Contudo, o contexto e a experiência provocam diferentes graus de identificação com o poeta.

Miguel Torga, no volume XV do *Diário* (1990), apresenta dois poemas que resultaram da vinda a Macau em 1987: em “Errância”, vê-se como “novo andarilho” (Torga, 1990, p. 21), nesse “império de ilusões”, nessa “infinita inquietação”, de que Camões foi o eterno representante, fundindo passado e presente, universal e clandestino, como se diz no poema “Na Gruta de Camões” (Torga, 1990, p. 39). A voz do sujeito poético, a procurar a imagem do poeta magoado no silêncio da gruta, está também no poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, “Gruta de Camões” (Andresen, 2015, p. 157), mas sobretudo em José Augusto Seabra, no poema “Da Gruta”, incluído no livro *Do Nome de Deus*, de 1990, e que tem como epígrafe uma frase do texto de Wenceslau de Moraes já referido: “Tal é o que em Macau se chama a Gruta de Camões” (Seabra, 1990, p. 23). Contudo, no caso de Augusto Seabra, a identificação passa pela utilização da primeira pessoa do plural, incluindo assim o eu lírico e o poeta na mesma interrogação: “Peregrinos das sombras divididas (...) que feridas / em bálsamo envolvemos, escondemos / da luz amanhecida?” (Seabra, 1990, p. 23).

A fusão entre as duas vozes ocorre também nos versos de José Jorge Letria, em *Oriente da Mágoa (Pranto de Luís Vaz)*, obra que ganhou o Prémio Camilo Pessanha do Instituto Português do Oriente, em 1992. A epígrafe foi recolhida nas redondilhas “Sôbolos rios que vão” (“Ali, depois de acordado, / co rosto banhado em água / deste sonho imaginado, / vi que todo o bem passado / não é gosto, mas é mágoa”), mas a margem do rio é substituída pelo abrigo da gruta silenciosa onde o poeta trata do império que ficou, o da poesia: “(...) Chego / das parcelas tão dispersas da conquista, / mas sou reconquistador, que o único / império que sei e canto / é o desta eternidade que rege os instantes / da quimera de um povo contra a sina / de ser pequeno, confinado à reclusão / da terra na cantante vizinhança das ondas” (Letria, 1992, p. 11).

António Couto Viana ficou mais tempo em Macau. Viveu no território durante dois anos, entre 1986 e 1988, e Camões é motivo recorrente na sua poesia. Mas, o fascínio era anterior: no livro *Ponto de não regresso*, de 1982, a sequência de quatro poemas dedicada a Franco Nogueira, com o título “No Signo de Camões”, reforça a oposição entre a excelência poética e a falta de reconhecimento, apontando o caminho do futuro e da glória que o tempo consagrou, como se pode observar no quarto poema, “Resposta a Camões para sempre”: “Nunca digas não mais, mesmo que a ferida / Te pareça mortal. / Mesmo que a gente surda e endurecida / se chame Portugal” (Viana, 1982, p. 36). Estando já em Macau, o sentimento de identificação

expresso por Couto Viana cresceu. No livro *No Oriente do Oriente*, de 1987, logo no “Breve roteiro lírico de Macau” define-se um caminho de emoção: “E, agora, onde vais? É o sentimento que te exige. Vais, romeiro da poesia, à gruta onde a verdade da tradição viu Camões, tendo o jau a seu lado, imaginar, em reboadas de inspiração genial, inflamadas estrofes de *Os Lusíadas*. Ali, não tens palavras: só lágrimas de emoção” (Viana, 1987, pp. 17-18). Os poemas do livro reforçam este sentimento de encanto e de celebração ao mesmo tempo. O Livro I apresenta dois poemas reunidos com o título “Na Gruta de Camões”, e a sequência “4 Poetas em Macau” recupera a voz poética de Camões. Couto Viana parece retomar não só o discurso garrettiano da descrição bucólica, mas também a identificação entre sujeito poético e Camões, claramente expressa no correr do soneto e sobretudo no último terceto: “Em que ano subi esta colina, / Repousei nesta gruta e respirei / brandas auras? (...) Aqui cheguei? Daqui parti? E quando? / Quem salvou do naufrágio miserando / Aquele que não sei se fui, mas sou?” (Viana, 1987, pp. 78-79).

Este breve roteiro mostra como, apesar do estilo próprio de cada autor, a aproximação da matéria e do espaço camoniano por excelência em Macau é comovida. Assim, parece que o poema *Camões* de Almeida Garrett estabeleceu uma relação exemplar entre *persona* e espaço, feita de extrema melancolia, que se prolongou até à contemporaneidade. Por outro lado, os poemas revelam como a “peregrinação” à gruta de Camões faria parte indispendável de um roteiro para escritores de visita a Macau. As obras poéticas referidas, anteriores a 1999, antecipam a passagem do território para a China, mas Camões, poeta de tamanho universal, permite transpôr o império físico para o poder da poesia e da inquietação que lhe é própria.

5 A viver em Macau com Camões

No que diz respeito à literatura em língua portuguesa produzida em Macau por escritores com permanência mais duradoura no território ou mesmo naturais de Macau, também Camões fez parte dos seus motivos poéticos, apesar de grandes diferenças na abordagem do tema.

A imprensa foi um dos lugares da sua publicação. Percorrendo as *Trovas Macaenses*, coligidas por João C. Reis em 1992, encontramos referências, quase sempre breves ou veladas, à Gruta e a Camões em composições de José Carvalho Rego e do seu irmão Francisco de Carvalho Rego, do padre Benjamin Videira Pires e de Rolando Chagas Alves. Já as composições do Padre Manuel Teixeira, escritas a propósito do quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas* e publicadas no *Jornal Notícias de Macau* a 10 de junho de 1972, nada têm de velado. Três dos poemas (“Glória a Camões”, “Glória de Portugal” e “Glória de Macau”), apresentam-se em quadras bem desenhadas pela rima e pela redondilha, com um tom marcadamente popular. Leia-se como exemplo a segunda estrofe do primeiro poema referido: “Grande Camões, / Vate imortal, / Tu és a glória/ De Portugal” (Teixeira, 1999, p. 199). Contudo, o quarto poema, intitulado “A Voz da Gruta”, diferencia-se na forma, que se constrói com estrofe e metro mais alongados, mas também na voz poética, onde o “eu” camoniano proclama a sua mágoa solitária: “sejam ricos e felizes, sejam tudo... eu sou Camões” (Teixeira, 1999, p. 204).

José dos Santos Ferreira, mais conhecido por Adé, não deixou de falar de Camões na sua poesia, com a curiosidade de ter escrito em português e em patuá e de ter traduzido duas composições camonianas. O poema “Dia di Portugal” foi publicado no livro *Macau Sã Assi*, de 1967; a “Esparsa ao desconcerto do mundo de Camões” e o soneto “Camões -Grândi na Naçam” foram publicados no jornal *Comunidade* (Lisboa, junho de 1977) e copiados por Manuel Teixeira em *A Gruta de Camões em Macau*. O poema mais significativo, “Erânça de Camões”, que faz parte do livro *Macau, Jardim abençoado* (1988), depois de demorado louvor à vida e à

obra, apresenta no último verso uma súmula do sentir e do pensar da herança camoniana: “Su eránça sã divera unga tesôro” (Ferreira, 1988, p. 68).

Paralelamente a esta derivação nativista, outro poeta, Leonel Alves, em *Por caminhos solitários* (1983), incluiu na Parte I da sua obra, constituída por sonetos de caráter intimista, de encontro e de memória, o soneto intitulado “Neste poiso...”. É evidente a forma como o sujeito poético procura uma identificação com Camões: “Ó como eu sinto iguais desilusões”, concluindo com a ressonância maneirista do “espanto” do conhecido soneto camoniano “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”: “Hoje como ontem, tudo é desencontro / E os nossos gritos não servem de nada, / Pois já nada a este mundo causa espanto” (Alves, 1983, p. 22). Esta mesma identificação pode ser encontrada ainda em Josué da Silva, em *Mátria Decantada* (1994), com o poema “Camões a Oriente triste”. A ambiguidade do título, que nimba de igual melancolia a figura de Camões e o Oriente, dissemina-se pelo poema. Invocando o poeta com o clássico “Insigne Varão”, considerando-o a “alma da Poesia”, a imagem romântica do poeta desiludido continua-se na descrição do espaço: “nesta gruta tão triste e tão sombria” (Silva, 1994, p. 29). O discurso de Leonel Alves e de Josué da Silva está marcado por uma retórica que provém do filão romântico, que já dificilmente se encontrará em poetas posteriores.

A produção destes poetas contribui para a construção da identidade macaense, tal como explica Vera Borges, no artigo “Da dilemática condição crioula” (2024). A matriz bipartida na poesia de Leonel Alves também se deve à intertextualidade com Camões, evocado como modelo poético e como forma quieta e melancólica de aceitação do fado, o do poeta e o de Macau (Borges, 2024, p. 166). Quanto a Adé, a presença assídua de Camões na sua poesia em português e em patuá torna claro o sentimento de pertença mútua, de Macau em relação a Portugal e de Camões em relação a Macau. A identidade macaense relaciona-se diretamente com este “entrelugar”, presente no “discurso de reflexão sobre a identidade a partir da consciência que têm da sua condição crioula” (Borges, 2024, p. 180).

A lista de autores com esporádica temática camoniana é longa e diversa, entre prosa e poesia, e com graus distintos: a ficção de Margarida Ribeiro, a emulação épica de José Maria Bárto, a aproximação discreta de Fernanda Dias e de Maria do Rosário Almeida, o tom celebrativo de António Correia. Também António Mil-Homens na sua *Poemografia de Macau*, de 2019, abordou o tema camoniano, no poema “Há uma gruta no meu peito”. A sua visão é muito particular: expressa claramente que essa gruta “não é a de Camões”, mas que, como metáfora de vida sofrida ou do ato poético, resulta de um destino muito semelhante: “Rasgo de muitas idas, / sede da mesma fonte, / Falha doutras paixões” (Mil-Homens, 2019, p. 16).

No livro *Pescador de Margem* (1997), Fernando Sales Lopes incluiu o poema “Gruta de Camões”. O poema retrata dois mundos que coexistem, mas não comunicam um com o outro: o quotidiano do “velho Leong”, que leva as suas aves ao jardim, em pequenas gaiolas, não se cruza com o mundo poético e mítico de Camões, circunscrito ao título do poema. Este desencontro tem paralelo em autores já referidos como Pedro da Silveira e Alexandre Pinheiro Torres, além de Fernanda Dias e Maria do Rosário Almeida, desenhando uma aproximação mais inovadora do tema camoniano. A estrofe final ensaia a voz de Camões, bem mais humano, ancorado no mito da gruta, tão literário e afastado do quotidiano do espaço.

Quando o velho Leong
de minape debotado
passeia o seu passarinho
É como se na gaiola
transportasse
entre penas
o seu pequeno
e já cansado
coração!

E mais um dia de sol
entre árvores
e velhos amigos
lhe dá a esperança
de que voltará

Até amanhã
talvez
bom velho Leong. (Lopes, 1997, p. 45)

Também o tema camoniano ocupou António Bondoso, no poema “Jardim de Camões” do livro *Em Macau por acaso* (1999), e ainda Jorge Arrimar que publicou em 1990 o livro *Fonte do Lilau*. Deste último, o poema “Colina do Patane” retoma a obra, a biografia e o lugar camoniano em Macau, alongando no tempo a memória: “Na colina do patane / ao entardecer / ainda hoje se ouve / o vento dizer / versos de amor” (Arrimar, 1990, p. 22).

6 O caso particular de Carlos Moraes José

Neste diálogo com Camões, a obra multifacetada de Carlos Moraes José ocupa um lugar particular e diverso. O livro *Macau- O Livro dos Nomes* teve a sua segunda edição em 2022 (a primeira é de 2010), aumentada e acompanhada de registo fotográfico. O quarto poema em prosa (o livro não está numerado) estabelece uma ponte entre a memória do lugar e o sujeito poético. E nessa memória, ocupando um lugar fundamental, está Camões, visto como matriz da língua e da literatura, nos poemas inscritos nas pedras que rodeiam a gruta, rodeada de verde luxuriante, mas sobretudo de um determinado modo de “sentir” amor. O tributo está visível no verso “Eu volto sempre ali”, onde o apelo dessa matriz parece tornar-se mais evidente.

Gruta de Camões. Sentirás, meu amor, uma solidão de pombas. Dá-me a tua mão e juntos afagaremos a inscrição na pedra, matriz de tudo. Perdi-te entre as plantas. Disseram-me depois que regressaras com um homem cego e coxo a um país envergonhado. Eu volto sempre ali. Não sei se por ti, se pela aspereza das árias chinesas. (José, 2022, s.n.)

Os dois livros que foram publicados em 2013 reforçam esta ligação a Camões: *Visitações* e *Anastasis*, este com duas edições, a segunda delas revista e aumentada (2013 e 2019). Em *Anastasis*, livro de poesia de viagem, é traçado um caminho de Lisboa para Oriente, e no último poema do capítulo “Índia”, intitulado “Outra vida”, pontua a figura de Camões. A intertextualidade é conseguida pela recuperação do *incipit* de um dos sonetos mais conhecidos do poeta (“Erros meus, má fortuna, amor ardente, em minha perdição se conjuraram”), recriando-o no verso final do poema de Moraes José: “Errar meu em Índia ardente” (José, 2019, p. 200). Mas a intertextualidade assume também a imitação da forma, como acontece no livro *Visitações*, onde a utilização da medida velha se apresenta como forma de diálogo. O poema

“Reservatório, sob a égide de Luís de Camões” recorre ao verso único de um mote que aponta para um *carpe diem* contraditoriamente melancólico ao invocar a efemeridade inevitável da vida humana.

Mote: Antes que tudo se acabe

Fica em casa o poupadão
Pela mobília a velar;
Mas estava o Fado marcado,
Muito perto, a conspirar.
O desgraçado não sabe:
É melhor tudo gastar,
Antes que tudo se acabe.

Tenho por certo afinal
O lenço da despedida:
Quero viver genial,
Ser o primeiro à partida,
Ter o prémio que me cabe,
Abusar do roseiral,
Antes que tudo se acabe. (José, 2013, p. 47)

Esta intertextualidade é uma forma de reconhecimento, de filiação, confirmada no livro *O comedor de nuvens* (2021). No início do poema em prosa “Mortais”, é possível reconhecer o *incipit* de três sonetos de Camões: “Por mais que o que o mundo seja composto de mudança, há um fogo que arde e não se sente, naquela triste e leda madrugada que é feita de amor somente. E isso são pássaros que voam entre continentes, quando chega o momento de mudar” (José, 2021, p. 93).

Camões é o intertexto escolhido para falar do tema amoroso, mas também o foi para falar da inveja e de obras perdidas. Morais José recuperou a figura do poeta quinhentista no romance *O Arquivo das Confissões - Bernardo Vasques e a Inveja* (2016), que parte da ideia da existência de um “arquivo de confissões” mantido pelos Jesuítas em Macau no século XVI, na Igreja da Madre de Deus. Uma dessas confissões foi a de Bernardo Vasques, feita a um padre jesuíta, dada a ler por um padre irlandês a um missionário protestante que viajava para Macau, numa estalagem de Singapura. O romance é a história da “profunda inveja” sentida por Bernardo Vasques por outra personagem omnipresente, mas nunca nomeada, Luís de Camões, o príncipe dos poetas. Esta inveja conduziu Bernardo Vasques a desmandos de várias ordens, chegando a roubar a Camões um dos seus manuscritos na Ilha de Moçambique.

A forma como o romance segue a matéria camonianiana, na escrita poética e lendária, alonga-se até à última palavra do seu intertexto épico, a “inveja”, de que toma o título. De Macau e da Gruta, a referência é indireta: de Bernardo Vasques não se diz se a visitou, mas conta-se que em Malaca encontrou uma cativa envelhecida, a Dinamene que afinal não morrera no naufrágio.

Era verdade: o meu poeta, o meu filósofo, minha nemesis, o homem que eu invejava e roubava, havia amado aquela mulher. Passara com ela longas tardes numa das colinas da cidade de Macau, na sombra aprazível de uns penedos, de onde olhava o mar e escrevia. Escrevia muito, dizia ela. Coisas que não compreendia. Ele ali passara uns três anos. Depois, findo um livro, um volume que ele afirmara particularmente amar, decidira voltar à sua terra, levando-a consigo. Ela concordara, de coração leve. Nunca conhecera, nem voltaria a conhecer, um homem assim. Graboso, valente, por vezes irascível. Mas gentil e de um coração do tamanho do mundo, contava ela. Algures, perto da costa do Vietname, uma tempestade inesperada afundara o navio. E ele, com certeza morrera. (José, 2016, p. 151)

É curioso que este romance surja numa altura em que a figura de Camões ganhou uma popularidade como personagem romanesca. Já tinha sido personagem no romance *As Naus* (1988), de António Lobo Antunes, e passou a sê-lo noutro romance de 2017, *Os Naufrágios de Camões*, de Mário Cláudio, romances que enfatizaram, ainda que de formas distintas, a condição frágil e humana do poeta (André, 2021). Parece, desta forma, que Carlos Morais José participa de um movimento maior construído sobre uma das suas principais figuras do cânone literário em língua portuguesa, e mais justificado ainda no âmbito das celebrações dos 500 anos de Luís Vaz de Camões.

7 Conclusão

Passaram por estas páginas dois séculos de literatura em língua portuguesa e, em momento algum, os escritores, que imaginaram Macau, que escreveram em língua portuguesa em Macau e sobre Macau, esqueceram Camões, tornando o poeta uma figura incontornável. A esse tributo associaram como lugar de excelência a gruta do Jardim de Camões, sem discutir a verdade da presença camoniana no território ou, mais ainda, a possibilidade da substancial parte da escrita de *Os Lusíadas* ter acontecido no breve e incômodo espaço entre os penedos levantados ao alto.

A primeira aproximação é feita através de um discurso laudatório, que aprecia a excelência do poeta, visto como génio e príncipe entre os pares, nunca esquecendo de ver nele também a identidade de um povo no seu destino de peregrinação e de melancolia. A segunda aproximação, de mais forte pendor artístico, afirma a identificação entre cada poeta e Camões, encontrando linhas paralelas no destino de cada um. As duas visões reforçam a importância do espaço de Macau na biografia camoniana. Contudo, mais importante será Camões para o espaço de Macau e para a identidade dos poetas da “literatura macaense”, a produção dos “filhos da terra”, “em que encontramos a manifestação do urdir de uma identidade crioula, fruto das escolhas entre o que se conserva e o que se transforma” (Romana, 2014, p. IX). A permanência de Camões, como lugar literário e como intertexto pode conferir alguma centralidade a esta literatura, num jogo de forças desequilibrado à partida entre centro e periferia (Augusto, 2022, p. 95). É a identificação com um dos poetas maiores da literatura portuguesa, na melancolia, no destino de exílio, na distância e no desfazer das últimas sombras de um “império”, que já Camões vira no seu tempo iniciar-se, que constitui uma parte substancial dessa matriz compósita que é a literatura em língua portuguesa produzida em Macau.

O Morgado de Mateus mandou pintar Camões na Gruta de Macau. Seria uma ideia nova e bela. Contudo, para o texto literário, em prosa e poesia, a ideia capaz de construir uma imagem repleta de sentido e de beleza suplanta o que dizem os textos históricos e biográficos. Na dúvida, a literatura opta pela imaginação, neste caso fundada no espaço e do contexto. A memória da viagem quinhentista, a distância, o exílio, a saudade e a melancolia, são sentimentos associados ao universo camoniano e cada um dos escritores e respetivas obras que com ele se relacionam.

A identificação com a biografia do poeta, que justifica a criação de um grau elevado de intimidade, o elogio da obra do autor, a impossibilidade de ignorar a sua presença no espaço da cidade de Macau e a celebração da memória, são aspectos que se tornam Camões o intertexto que atravessa a literatura escrita em língua portuguesa a oriente.

Referências

- Almeida, Catarina Nunes de (2019). Do olhar português sobre Macau: algumas representações poéticas contemporâneas. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ* 25, 45, 566–578.

- Alves, Leonel (1983). *Por caminhos solitários*. s.n.
- André, Carlos Ascenso (2021). Má fortuna a Oriente: Camões em dois romances contemporâneos. In Carlos Moraes et al. (Eds), *Diálogos interculturais Portugal-China, II volume, Literaturas, artes e línguas em diálogo* (pp. 11–26). Instituto Internacional de Macau.
- Andresen, Sophia de Mello Breyner (2015). *Obra Poética*. Assírio & Alvim.
- Arrimar, Jorge (1990). *Fonte do Lilau*. Livros do Oriente.
- Augusto, Sara (2022). “Histórias de um céu movente”: movimentos entre centro e periferia na poesia de Carlos Moraes José. *Études Romaines de Brno*, 43, 79–98.
- Borges, Vera (2024). Da dilemática condição crioula: construção identitária, estratégias de sobrevivência e catarse em poesia de Macau. *Études Romaines de Brno*, 45, 163–182.
- Braga, Duarte D. (2014). Grutas de Camões: Poesia Portuguesa e Orientalismo a partir da Crítica de Camilo Pessanha. *ELyra: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics*, 4, 45–55.
- Camões, Luís de (1817). *Os Lusíadas: poema épico de Luís de Camões*. Oficina Tipográfica de Firmin Didot, impressor do Rei, e do Instituto.
- Castilho, António Feliciano de (1863). *Camões: estudo Historico-Poetico liberrimamente fundado sobre um drama francez dos senhores Victor Perrot e Armand du Mesnil*. Typographia da Soc. Typographica Franco Portuguesa.
- Elísio, Filinto (1817). *Obras Completas de Filinto Elísio*. Tomo III. Oficina de S. Bobée.
- Ferreira, José dos Santos (1988). *Macau, Jardim abençoado, Dialecto Macaense*. Instituto Cultural de Macau.
- França, Bento (1897). *Macau e os seus habitantes*. Imprensa Nacional.
- Garrett, Almeida (2018). *Camões*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Jardim, Cipriano (1880). *Camões. Drama histórico em 5 actos*. Imprensa Portugueza Editora.
- José, Carlos Moraes & Augusto, Sara (2022). *Macau. O livro dos nomes*. COD.
- José, Carlos Moraes (2013). *Visitações*. COD.
- José, Carlos Moraes (2016). *O Arquivo das Confissões - Bernardo Vasques e a Inveja*. Livros do Oriente.
- José, Carlos Moraes (2019). *Anastasis*. Abysmo.
- José, Carlos Moraes (2021). *O Comedor de Nuvens*. COD.
- Letria, José Jorge (1992). *Oriente da Mágua (Pranto de Luís Vaz)*. Instituto Português do Oriente.
- Lopes, Fernando Sales (1997). *Pescador de Margem*. Livros do Oriente.
- Melo, Patrícia H. L. P. de Sousa (2014). *Proposta de criação do Centro de Interpretação Luís de Camões em Macau*. [Trabalho de Projecto de Mestrado em Museologia, FSSH]. Universidade Nova de Lisboa.
https://run.unl.pt/bitstream/10362/13558/1/Vol.%20I_completo.pdf.
- Mil-Homens, António Duarte (2019). *Poemografia de Macau*. Instituto Cultural de Macau.
- Moraes, Wenceslau de (2004). *Traços do Extremo Oriente*. COD.
- Passos, A. A. Soares de (1870). *Poesias*. Cruz Coutinho Editor.
- Pereira, José Carlos Seabra (2015). *O Delta Literário de Macau*. Instituto Politécnico de Macau.
- Pereira, Vicente Luís de Castro (2015). *As muitas vidas de Luís de Camões: ressonâncias biográficas camonianas na literatura luso-brasileira oitocentista*. [Tese de doutoramento, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas]. Universidade de São Paulo.
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-15012016-125300/publico/2015_VicenteLuisDeCastroPereira_VCorr.pdf.

- Pessanha, Camilo (1992). Macau e a Gruta de Camões. Daniel Pires (Ed.), *Camilo Pessanha Prosador e Tradutor* (pp. 301–305). IPOR / ICM.
- Quinteiro, Sílvia e Baleiro, Rita (2017). *Estudos em Literatura e Turismo. Conceitos fundamentais*. Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Comparatistas.
- Reis, João C (1992). *Trovas Macaenses*. Mar Oceano Edições Lda.
- Rio Novo, Isabel (2024). *Fortuna, Caso, Tempo e sorte. Biografia de Vaz de Camões. Contraponto*.
- Romana, M. da Conceição (2014). *Para uma Literatura da Identidade Macaense Autores/Atores*. Universidade da Beira Interior.
<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4245>.
- Santos, Carlos Pinto & Neves, Orlando (1988-2000). *De longe à China: Macau na historiografia e na literatura portuguesas*. 5 volumes, Instituto Cultural de Macau.
- Seabra, José Augusto (1990). *Do Nome de Deus*. Instituto Cultural de Macau.
- Silva, Josué da (1994). *Mátria Decantada*. Mar Oceano Edições Lda.
- Teixeira, Manuel (1999). *A Gruta de Camões em Macau*. Fundação Macau, Instituto Internacional de Macau.
- Torga, Miguel (1990). *Diário. Vol. XV*. Autor.
- Viana, António Manuel Couto (1982). *Ponto de não regresso (Poemas)*. Editora Pax.
- Viana, António Manuel Couto (1987). *No Oriente do Oriente*. s.n.
- Viana, António Manuel Couto (1998), Bocage no Extremo Oriente. *Revista Cultural*, Outubro-Dezembro, 125–133.